

Pastoral *onlife*: uma perspectiva ecológica e integral da comunicação da fé

Onlife pastoral ministry: an ecological and integral perspective of the communication of the faith

MOISÉS SBARDELOTTO*

Abstract

The (con)fusion between the concepts of real and virtual generates misunderstandings and causes countless problems for Christian pastoral practice in the current digital culture. Thus, the need to go beyond and to overcome such dichotomies and dualisms emerges, in search of an integral communication in the new contemporary communication ecosystems. For this, in this paper, based on bibliographic research and reflective essay, we will firstly problematize the relationship between real and virtual, so that the material reality of the digital is not understood only as something merely fictitious. Then, from the perspective of media ecology and integral communication, we will analyze some data concerning the ecological and also sociocultural footprint left by the digital in today's world, in order to demonstrate its materiality. To recognize the complex interdependence between the various life environments that make up contemporary experience, we will then point to the importance of going beyond dichotomies and dualisms (such as between online and

* Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas); <https://orcid.org/0000-0001-9660-8894>; m.sbar@yahoo.com.br; msbardelotto@yahoo.com.br.

offline), giving primacy to the interrelationships and reflecting on the emergence of digital connectivity as a true existential dimension, based on the neologism *onlife*, proposed by Luciano Floridi. From this perspective, we will analyze some religious-ecclesial experiences and practices throughout the coronavirus pandemic. Finally, from a Christian/Catholic perspective, we will defend the importance of an *onlife* pastoral action, promoting an integral communication in the life of the Church, in which everything is closely interconnected.

Keywords: Digital Culture; Media Ecology; Integral Communication; *Onlife* Pastoral Ministry.

Resumo

A (con)fusão entre os conceitos de real e de virtual gera mal-entendidos e provoca inúmeros problemas para a prática pastoral cristã na atual cultura digital. Emerge, assim, a necessidade de ir além e de superar tais dicotomias e dualismos, em busca de uma comunicação integral nos novos ecossistemas comunicacionais contemporâneos. Para isso, a partir de pesquisa bibliográfica e reflexão ensaística, problematizaremos neste texto, primeiramente, a relação entre real e virtual, para que a realidade material do digital não seja compreendida apenas como algo meramente fictício. Em seguida, a partir da perspectiva da ecologia das mídias e de uma comunicação integral, analisaremos alguns dados referentes à pegada ecológica e sociocultural deixada pelo digital no mundo de hoje, para evidenciar sua materialidade. A fim de reconhecer as complexas interdependências entre os vários ambientes de vida que compõem a experiência contemporânea, apontaremos, então, para a importância de ir além das dicotomias e dos dualismos (por exemplo, entre *online* e *offline*), dando primazia às inter-relações e refletindo sobre a emergência da conectividade digital como uma verdadeira dimensão existencial, a partir do neologismo *onlife*, proposto por Luciano Floridi. A partir dessa visada, analisaremos algumas experiências e práticas religioso-eclesiais ao longo da pandemia do coronavírus, particularmente no que diz respeito à relação entre corpo/comunidade e presença/participação. Por fim, a partir

de uma perspectiva cristão-católica, defenderemos a importância de uma pastoral *onlife*, que promova uma comunicação integral na vida da Igreja, na qual tudo esteja estreitamente interligado.

Palavras-chave: Cultura digital; Ecologia das mídias; Comunicação integral; Pastoral *onlife*.

Introdução

Nos longos meses da pandemia da Covid-19, as pessoas em geral precisaram muitas vezes se distanciar e se isolar, em prol do bem estar individual e coletivo. Frente a esse cenário social desafiador, porém, as redes digitais contribuíram para voltar a conectar pessoas, grupos e comunidades, fazendo com que fossem reconvidados ao «céu aberto» da comunicação, inclusive do ponto de vista religioso, permitindo a vivência de novas experiências de eclesialidade (*ekklesia*, do grego, «chamar para fora»).

Esse processo, contudo, como toda novidade, apresentou riscos, especialmente o de ser interpretado como uma mera «virtualização da fé». Segundo este ponto de vista, os fiéis, impossibilitados de participar de experiências religiosas consideradas «reais», «físicas» e «presenciais» devido ao fechamento dos templos, estariam recorrendo a práticas religiosas meramente «virtuais», com graves perdas, principalmente a do contato humano entre pessoas de carne e osso. Com isso, os fiéis estariam abandonando o «mundo real» da fé, substituindo-o por «simulacros virtuais». A partir desse cenário, pensando o pós-pandemia, o temor era de que as pessoas não queressem mais voltar às igrejas.

Essa (con) fusão entre os conceitos de real e de virtual, contudo, gera apenas mal-entendidos e provoca inúmeros problemas para a prática pastoral na atual cultura digital, particularmente no âmbito cristão-católico. Emerge, assim, a necessidade de ir além e de superar tais dicotomias e dualismos, desconstruindo certos mitos e desfazendo alguns receios, em busca de uma comunicação integral nos novos ecossistemas comunicacionais contemporâneos, favorecendo uma pastoral encarnada e inculturada na complexidade da cultura digital.

Para desenvolver esta reflexão, vamos nos basear em um paradigma ecológico, que reconhece a «interdependência fundamental de todos os fenômenos»¹ e, assim, apresenta uma «natureza fundamental antidisjuntiva, antirredutora, antissimplificadora»². Do ponto de vista dos processos comunicacionais em jogo, tal paradigma auxiliará a perceber não só as inter-relações internas às redes digitais, mas também suas interdependências com o ambiente biogeoquímico e sociocultural no qual elas emergem. Desse modo, a perspectiva ecológica ajudará a evitar disjuntar aquilo que é digital daquilo que é real/físico/material; auxiliará ainda a não reduzir o digital meramente ao «virtual»; e, por fim, contribuirá para evitar simplificar a complexidade da cultura digital.

Para avançar nessa argumentação, a partir de pesquisa bibliográfica e reflexão ensaística, problematizaremos primeiramente a relação entre real e virtual, buscando desmistificar tais conceitos, para que a realidade material do digital não seja compreendida apenas como algo meramente fictício. Em seguida, desconstruindo ainda mais a ideia de «virtual» em relação ao digital, a partir da perspectiva da ecologia das mídias e de uma comunicação integral, analisaremos alguns dados referentes à pegada ecológica e sociocultural deixada pelo digital no mundo de hoje, para evidenciar sua realidade material e/ou sua materialidade real. Para reconhecer as complexas interdependências entre os vários ambientes de vida que compõem a experiência contemporânea, apontaremos, então, para a importância de ir além das dicotomias e dos dualismos (como, por exemplo, entre *online* e *offline*), dando primazia às inter-relações, refletindo sobre a emergência da conectividade digital como uma verdadeira dimensão existencial, a partir do neologismo *onlife*, proposto pelo filósofo italiano Luciano Floridi³. A partir dessa visada, analisaremos algumas experiências e práticas religioso-eclesiais ao longo da pandemia do

¹ Fritjof Capra, *A teia da vida: uma nova compreensão dos sistemas vivos* (São Paulo: Cultrix, 2006), 25.

² Edgar Morin, *O método 2: a vida da vida* (Porto Alegre: Sulina, 2011), 109.

³ Luciano Floridi, ed., *The Onlife Manifesto: Being Human in a Hyperconnected Era* (Nova York: Springer One, 2015).

coronavírus, particularmente no que diz respeito à relação entre corpo/ comunidade e entre presença/participação.

Por fim, a partir de uma perspectiva cristão-católica, defenderemos a importância de uma pastoral *onlife*, que assuma um olhar cada vez mais ecológico sobre a cultura contemporânea, promovendo uma comunicação integral na vida da Igreja, na qual tudo esteja estreitamente interligado⁴, sem dicotomias nem dualismos.

1. Real e virtual se (con)fundem?

Para falar do conceito de «virtual» (do latim *virtus*, «força, potência»), uma das possibilidades é resgatar a reflexão filosófica sobre essa noção. Como afirma Lévy, «é virtual o que existe em potência, e não em ato. [...] A árvore está virtualmente presente na semente»⁵. Porém, continua o autor, «em termos rigorosamente filosóficos, o *virtual não se opõe ao real*, mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes»⁶. Portanto, do ponto de vista filosófico, temos uma falsa dicotomia ao se tentar contrapor real e virtual, já que «o real é feito de processos de virtualização e atualização sucessivos»⁷.

Entretanto, para além do debate filosófico, o que nos interessa mais são os usos por parte do senso comum do conceito de virtual. Com o surgimento da Internet e de suas potencialidades em seus estágios iniciais, passou-se a recorrer àquele termo como sinônimo de tudo o que era digital, acessível pelo computador ou disponível em redes digitais. Isso ocorria, talvez, por uma característica que os dicionários ainda conservam na definição de virtual: ou seja, o fato de existir «somente como efeito de uma representação ou simulação feita por programa de computador»⁸,

⁴ Cf. Francisco, *Carta encíclica Laudato si' sobre o cuidado da casa comum* (= LS), acesso em 26 de setembro de 2022, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html, n. 16.

⁵ Pierre Lévy, *O que é o virtual*, 2.^a ed. (São Paulo: Edições 34, 2011), 15.

⁶ Lévy, *O que é o virtual*, 15, grifo nosso.

⁷ André Lemos, *A tecnologia é um vírus: pandemia e cultura digital* (Porto Alegre: Sulina, 2021), posição 864, Kindle.

⁸ Cf. verbete «virtual», no dicionário Aulete Digital, acesso em 26 de setembro de 2022, <https://www.aulete.com.br/virtual>.

como os «museus virtuais», as «capelas virtuais», etc., que existiam apenas em ambientes digitais.

Com isso, passou-se a conceber o digital (por ser supostamente «virtual») como uma mera simulação, algo imaterial, incorpóreo, contrário ao «real» de «carne e osso». Falava-se de um «continente digital», acessado por «internautas», por meio de uma «navegação»: expressões todas que remetem a um «lá fora» da realidade cotidiana, onde o corpo e o contato interpessoal seriam deixados de lado, e as relações humanas seriam menos reais, senão até irreais. Somava-se a isso a metáfora da nuvem (*cloud*), que leva a pensar que os ambientes digitais são não físicos, etéreos, ilusórios. O «virtual» também permitiria, segundo esse ponto de vista, a experiência de uma «*second life*», experimentada em um universo paralelo, intangível, perdido em algum «limbo» eletrônico, no éter de um ciberespaço meramente onírico ou metafísico.

Essa falsa dicotomia entre real e virtual, por sua vez, continua afetando o linguajar religioso-eclesial até hoje, particularmente no âmbito católico. O mais recente *Diretório para a Catequese* – lançado em junho de 2020 pelo Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização, que, aliás, traz importantes e inovadoras contribuições ao se debruçar justamente sobre a importância da cultura digital no âmbito da iniciação à vida cristã –, defende que, ao se «utilizar as novas tecnologias», é preciso evitar uma «*virtualização da catequese*», pois tal processo geraria uma «ação catequética *fraca e sem influência*»⁹. Segundo o documento, muitas formas de interação «tornaram-se *virtuais suplantando totalmente* [...] a necessidade de formas de relação tradicionais, *impedindo-as de tomar contato direto* com a angústia, a trepidação, a alegria do outro»¹⁰. Percebe-se, nesse caso, um ponto de vista dualista, redutor e simplificador das práticas culturais contemporâneas, leitura que, entretanto, não é exclusiva da Igreja Católica.

⁹ Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização, *Diretório para a Catequese* (São Paulo: Paulinas, 2020), n. 371, grifo nosso.

¹⁰ Pontifício Conselho, *Diretório*, n. 369, grifo nosso.

Significativamente, porém, tais expressões não fazem mais parte, de modo geral, do vocabulário das gerações mais jovens ao se referirem àquilo que vivem e experimentam nas redes digitais atualmente. O «virtual» como sinônimo de digital podia até fazer sentido nos anos 1990, quando a conexão discada demandava que a pessoa se posicionasse em frente a um computador fixo, geralmente em uma sala específica para isso. Ali, realizava-se uma espécie de «liturgia» que, mediante uma série de passos e ações, finalizava com um som característico, quase sobrenatural, gerando a expectativa de conexão e de acesso à «biblioteca das bibliotecas» e à «rede das redes», como a Internet era definida¹¹. Mas não estamos mais nos anos 1990. Não precisamos mais «entrar na Internet», como algo «lá fora», porque praticamente nunca saímos dela – e, mesmo quando nos desconectamos ou não estamos em frente a uma tela, as nossas presenças *online* continuam disponíveis para quem quiser nos contatar.

Além disso, «qualquer ato comunicacional está necessariamente situado em um suporte material que formata/configura a mensagem e a própria atividade comunicativa»¹². Nesse sentido, a Internet absolutamente não é uma realidade imaterial ou intangível. Pelo contrário, ela depende de muitas materialidades para existir: máquinas como computadores, roteadores, satélites, assim como cabos, fios, telas, *chips*, além de *bits*, *pixels*, interfaces gráficas, etc. Em suma, a cultura digital se materializa em diversas realidades, como as máquinas e instrumentos necessários para a conexão e os próprios dados digitais em sua materialidade, o que envolve seu processamento, estocagem, distribuição e acesso¹³. Todo processo digital que acionamos em nosso cotidiano envolve inúmeras «materialidades concretas» que lhe dão existência, cujas afetações também podem ser concretas e materialmente comprovadas (como, por exemplo, este artigo escrito em um processador de texto informatizado,

¹¹ A saga cinematográfica *Matrix*, nesse sentido, é uma metáfora muito representativa de como a conexão com as redes digitais era entendida há não muito tempo.

¹² Lance Strate, Adriana Braga e Paul Levinson, *Introdução à ecologia das mídias* (Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; São Paulo: Edições Loyola, 2019), 21.

¹³ Cf. Lemos, *A tecnologia é um vírus*.

baseado em múltiplas referências digitais, que você – seja quem for e onde e quando estiver – está agora lendo e ressignificando, a partir de um contexto concreto e material específico do ponto de vista individual e sociocultural).

Em suma, cada vez mais, «tudo está estreitamente interligado no mundo»¹⁴. Dicotomias e dualismos como «digital x real/físico/material» impedem a percepção das complexas inter-relações que dão forma à cultura contemporânea. A partir da perspectiva da ecologia das mídias e de uma comunicação integral – como veremos –, não faz sentido pensar o digital desvinculado da realidade, como algo meramente «virtual». Para desconstruir ainda mais esse mito, basta pensar na gigantesca e preocupante pegada ecológica e também sociocultural – nada «virtual» – deixada pelo digital.

2. Uma leitura duplamente ecológica do digital

Para superar uma visão dicotômica e reducionista do digital, é preciso complexificar o olhar sobre o fenômeno. Nesse sentido, podemos recorrer à perspectiva da ecologia das mídias, articulando-a com uma abordagem integral da comunicação contemporânea, inspirando-nos na encíclica *Laudato si'*, do Papa Francisco. Trata-se de uma leitura *duplamente ecológica*, primeiramente entendendo as mídias digitais como ambientes, que, por sua vez, estão intimamente interligados com o macroambiente da «casa comum».

Segundo Neil Postman, que cunhou a expressão «ecologia das mídias», esta perspectiva busca observar «a interação entre as mídias e os seres humanos [que] dá caráter a uma cultura e, pode-se dizer, ajuda uma cultura a manter o equilíbrio simbólico. Se quisermos conectar o significado antigo com o moderno, podemos dizer que a palavra sugere que precisamos manter a nossa casa planetária em ordem»¹⁵. Trata-se de entender as mídias como ambientes (de vida e de relação), compreendendo

¹⁴ LS 16.

¹⁵ Neil Postman, «The Humanism of Media Ecology», *Proceedings of the Media Ecology Association*, v. 1 (2000): 11, <https://bit.ly/2MDFIVK>, tradução nossa.

a noção de ambiente como «um sistema de mensagens complexo que impõe aos seres humanos certas maneiras de pensar, sentir e se comportar»¹⁶. A ideia básica da ecologia das mídias é que «as tecnologias – neste caso, as tecnologias da comunicação, desde a escrita até os meios digitais – geram ambientes que afetam os sujeitos que as utilizam»¹⁷. Com isso, é possível observar as consequências *ecológicas* (no sentido de globalidade e de complexidade) dos processos midiáticos e, particularmente, digitais sobre a pessoa, a cultura, a sociedade e a realidade em geral.

A emergência de tais ambientes midiáticos, por sua vez, é caracterizada por um complexo processo de evolução:

A história da humanidade confunde-se com a história do aparecimento contínuo de novas mídias comunicacionais. Começando com a invenção das escritas e do alfabeto, continuou com a prensa manual e, depois, mecânica, com a fonografia, o telégrafo, o jornal, o telefone, o cinema, o rádio, a TV, etc. *A constituição progressiva de uma ecologia midiática salta à vista* [intensificada pela] grande virada que a revolução digital não cessa de provocar em todas as esferas da vida social e psíquica. [...] *Com tudo isso, cresce a semiodiversidade (a diversidade semiótica) das mídias, aumentam as misturas entre elas e multiplicam-se as possibilidades de seus usos*. Não poderia haver uma metáfora melhor do que a ecológica para dar conta de tal fertilidade.¹⁸

A perspectiva da ecologia das mídias, portanto, não envolve apenas a compreensão das mídias em si mesmas, mas também – e, em nosso caso, principalmente – «a interação das mídias com a nossa natureza

¹⁶ Postman *apud* Strate, Braga e Levinson, *Introdução à ecologia das mídias*, 19.

¹⁷ Carlos Scolari, «Ecología de los medios: de la metáfora a la teoría (y más allá)», in *Ecología de los medios: entornos, evoluciones e interpretaciones*, ed. Carlos Scolari (Barcelona: Gedisa, 2015), 29.

¹⁸ Lucia Santaella, *A ecologia pluralista da comunicação: conectividade, mobilidade, ubiquidade* (São Paulo: Paulus, 2010), 15-16, grifo nosso.

biológica»¹⁹. De modo mais geral, tal perspectiva vai ainda além e permite compreender que

*o universo físico e o ambiente biofísico não são totalmente diferentes e distintos da tecnologia, mas fazem parte de um continuum. Além disso, em vez da oposição binária entre biologia e tecnologia, pode-se observar que todas as formas de vida se adaptam a seu ambiente para sobreviver e se propagar, e também alteram seu ambiente pela sua própria existência, pelo seu metabolismo, propagação e comportamento. A tecnologia pode ser entendida, em seu sentido mais básico, como a atividade de alterar o ambiente, uma atividade envolvida em todas as formas de vida.*²⁰

O olhar ecológico sobre as mídias permite reconhecer, assim, a estreita inter-relação entre três ambientes básicos da vida em geral e, particularmente, humana: «O biofísico, que contém o tecnológico, que, por sua vez, contém o simbólico, todos interagindo entre si (e também seria possível postular um ambiente espiritual que contém e interage com os outros três)»²¹. Desse modo, «a biologia e a cultura já não podem ser estudadas em separado, porque a evolução humana é uma combinação entre a evolução biológica e o progresso cultural»²².

A partir de outros pressupostos, mas em sintonia com tais proposições, o Papa Francisco, por sua vez, defende a perspectiva de uma «ecologia integral». Sua perspectiva é de que «*tudo está intimamente relacionado* e que os problemas atuais requerem um olhar que leve em conta todos os aspectos da crise mundial»²³. Por isso, o pontífice reflete sobre as inter-relações entre as ecologias ambiental, econômica, social, cultural e da vida cotidiana. Nesse sentido, é possível afirmar que uma comunicação

¹⁹ Robert K. Logan, «La base biológica de la ecología de los medios», in *Ecología de los medios*, 200, tradução nossa.

²⁰ Strate, Braga e Levinson, *Introdução à ecologia das mídias*, 83, grifo nosso.

²¹ Strate, Braga e Levinson, *Introdução à ecologia das mídias*, 94.

²² Logan, «La base biológica de la ecología de los medios», 200, tradução nossa.

²³ LS 137, grifo nosso.

integral trata de perceber igualmente as inter-relações entre os ecossistemas midiáticos (mídias, ambientes e processos) e a macroecologia da «nossa casa comum». De modo mais específico, trata-se aqui de analisar as relações entre as mídias digitais e o ambiente biogeoquímico e socio-cultural onde elas se desenvolvem, questionando os modelos de desenvolvimento, produção e consumo de tais tecnologias e linguagens²⁴.

Observar as inter-relações ecológicas das mídias digitais em uma perspectiva comunicacional integral ajudará, assim, a aprofundar a conscientização sobre as «não virtualidades» da cultura digital, ou seja, sobre suas *materialidades concretas, reais, físicas*, levando à superação de toda perspectiva dualista ou dicotômica sobre tais processos. Para isso, é importante reconhecer que o ecossistema digital, assim como outros ecossistemas midiáticos ou até biogeoquímicos, «é um fenômeno emergente porque seu comportamento ou propriedades não podem ser extraídos e preditos com base nas características dos componentes que compõem o ecossistema, nem se reduzir a elas»²⁵. Tratando-se de sistemas dinâmicos interativos não lineares, as propriedades particulares das mídias digitais e suas processualidades afetam outros processos comunicacionais, midiáticos, socioculturais e, de modo mais geral, biogeoquímicos com os quais interagem.

Para compreender isso, inicialmente, basta considerar os *data centers* dos grandes sistemas de busca, que às vezes ocupam vários hectares de terras, repletos de máquinas e equipamentos de armazenamento e processamento de dados. A «nuvem» nada mais é do que uma metáfora para se referir a dados e informações que estão sendo *materialmente* tratados e distribuídos em *data centers* e redes de distribuição²⁶. Em 2012, calculava-se a existência de 500 mil *data centers* espalhados pelo globo; em 2019, já eram mais de 8 milhões²⁷. E o maior deles – até o momento em que este texto foi escrito –, de propriedade da empresa China Mobile

²⁴ Cf. LS 138-139.

²⁵ Logan, «La base biológica de la ecología de los medios», 215, tradução nossa.

²⁶ Cf. Lemos, *A tecnologia é um vírus*.

²⁷ Cf. DataCenter Knowledge, acesso em 26 de setembro de 2022, <https://is.gd/u6anVj>.

International Limited (CMI), em Hong Kong, ocupa uma área de nada menos do que 715.000 metros quadrados²⁸. Isso equivale a quatro estádios de futebol cheios de materialidades nada «virtuais», como concreto, máquinas, fios, cabos, etc.

Por outro lado, algumas pesquisas, com base em dados de 2018, apontam que o consumo de energia elétrica somente pelos *data centers* em nível global (para seus sistemas de alimentação e refrigeração) equivale a 1% de toda a demanda mundial de eletricidade²⁹. Outros estudos falam de um consumo de energia equivalente à produção de 30 usinas nucleares. Cada busca na Internet, cada arquivo enviado, cada documento, foto ou vídeo armazenado e executado inúmeras vezes também é responsável pela crescente demanda global de energia e, conseqüentemente, pelo aumento das emissões de CO₂.

Um estudo publicado em 2019 afirma que todo o setor digital somado (desde a produção de equipamentos, o armazenamento e processamento de dados, até ao acesso individual à Internet) produz quase 4% de todas as emissões de dióxido de carbono do globo, superando até mesmo toda a indústria aeroespacial, considerada uma das mais poluentes³⁰. A mesma pesquisa afirma que cada 15 minutos de uso da rede digital (seja na Internet ou em plataformas específicas) equivale a um quilômetro percorrido de carro, em relação à quantidade de CO₂ emitida. E os vídeos *online* são os maiores responsáveis por isso, já que 80% de todos os dados da Internet circulam como imagens em movimento: a produção média de CO₂ proveniente dos vídeos *online* é superior a 300 milhões de toneladas anuais (dados de 2018) – a mesma quantidade emitida pela Espanha inteira em um ano³¹.

O setor digital também demanda enormes quantidades de minérios nada «virtuais», para a produção e a manutenção de seus equipamentos. Um relatório divulgado pela ONU em 2019 alertava que a extração de

²⁸ Cf. Analytics India Magazine, acesso em 26 de setembro de 2022, <https://is.gd/PvYKTv>.

²⁹ Cf. Environmental Research Letters, acesso em 26 de setembro de 2022, <https://is.gd/IIBEs4>.

³⁰ Cf. The Shift Project, acesso em 26 de setembro de 2022, <https://is.gd/O7d08G>.

³¹ Cf. Deutsche Welle Brasil, acesso em 26 de setembro de 2022, <https://is.gd/PoFWGG>.

recursos naturais mais do que triplicou desde 1970, com um aumento de 45% no uso de combustíveis fósseis³² – e isso, sem dúvida, também devido à produção de tecnologias digitais. Há 30 anos, os celulares eram grandes, mas utilizavam apenas 25 a 30 elementos em sua estrutura e circuitos internos. Hoje, eles são menores, mas demandam uma enorme quantidade de minerais diversos. Estima-se que um *smartphone* padrão contém entre 500 e 1.000 componentes diferentes, cuja extração e processamento geram cerca de 75 kg de resíduos por aparelho³³. Trata-se de uma verdadeira «mina em nossas mãos», que contém desde os minérios mais comuns, como alumínio e cobre, até os mais valiosos, como ouro, prata, paládio e platina, passando pelas chamadas terras-raras (abundantes na crosta terrestre, mas de extração extremamente difícil e cara), como lantânio, térbio, neodímio, gadolínio e praseodímio³⁴. Sem falar no plástico e no vidro.

O problema se torna ainda mais preocupante – material, concreta e fisicamente falando – ao levarmos em conta que, em 2021, estimava-se a existência de mais de cinco bilhões de usuários de celulares no mundo (às vezes com mais de um aparelho)³⁵, um número que só tende a crescer – sem falar das substituições cada vez mais frequentes por aparelhos recém-lançados, fomentadas pela publicidade e pela chamada obsolescência programada. Gana, por exemplo, importa anualmente cerca de 215.000 toneladas de resíduos tecnológicos, e só a metade dessa quantia pode ser reutilizada imediatamente, enquanto o resto do material é «reciclado» da forma mais barata possível, às custas da contaminação da terra e de prejuízos à saúde das populações locais³⁶.

Por sua vez, a extração de minerais para a fabricação de equipamentos digitais é fonte de inúmeros problemas sociais e culturais. Calcula-se que

³² Cf. O Globo, acesso em 26 de setembro de 2022, <https://is.gd/OkjS6k>.

³³ Cf. Instituto Humanitas Unisinos, acesso em 26 de setembro de 2022, <http://www.ihu.unisinos.br/589933>.

³⁴ Cf. BBC News Brasil, acesso em 26 de setembro de 2022, <https://is.gd/kPaN37>.

³⁵ Cf. DataReportal, acesso em 26 de setembro de 2022, <https://is.gd/BHaV8w>.

³⁶ Cf. Instituto Humanitas Unisinos, acesso em 26 de setembro de 2022, <http://www.ihu.unisinos.br/530482>.

esse setor gerou seis milhões de refugiados da República Democrática do Congo nas últimas duas décadas, já que o país detém pelo menos 64% das reservas mundiais de *coltan*, nome popular para as rochas formadas por dois minerais, columbita e tantalita, usados em inúmeros aparelhos eletrônicos³⁷. Como afirma o título do documentário de 2010 do diretor dinamarquês Frank Piasecki Poulsen, nossos celulares estão manchados de sangue (*Blood in the Mobile*).

O Brasil, especificamente, é um dos países mais impactados: só em 2020, um bilhão de toneladas de minérios foram extraídos do solo nacional, um crescimento de 2,5% em comparação com 2019, com um faturamento total de 209 bilhões de reais, um aumento de 36% em comparação com o ano anterior³⁸. Diante desses dados, não podemos deixar de fazer memória dos tristes e trágicos desastres ambientais das cidades de Mariana e Brumadinho, no Estado de Minas Gerais, envolvendo empresas do setor, que ceifaram centenas de vidas de trabalhadores e moradores das regiões.

Em suma, há graves questões materialmente concretas e reais (e não meramente «virtuais») em jogo na cultura digital, do ponto de vista ecológico, social, cultural, etc. Como lembra Lemos, «a urgência do Antropoceno implica uma necessidade de reconhecimento das materialidades do digital que repercutem diretamente na nossa ação poluente sobre o planeta Terra»³⁹. Segundo o autor, «fala-se que o dado é o novo petróleo como metáfora, mas, de fato, *o dado é ainda petróleo e carvão*»⁴⁰.

Por fim, podemos trazer à baila todas as afetações e desdobramentos materiais, concretos e físicos na vida social provocados por aquilo que é dito e feito simbolicamente nos ambientes digitais, positiva e negativamente. Começemos pelos elementos mais preocupantes, que nos ajudam a perceber a ilusão falaciosa dos dualismos e das dicotomias em relação à cultura digital.

³⁷ Cf. Época Negócios, acesso em 26 de setembro de 2022, <https://is.gd/gfHr4x>.

³⁸ Cf. Ibram, acesso em 26 de setembro de 2022, <https://is.gd/ecTcER>.

³⁹ Lemos, *A tecnologia é um vírus*, posição 875.

⁴⁰ Lemos, *A tecnologia é um vírus*, posição 890, grifo nosso.

Um primeiro elemento é a chamada «poluição mental», provocada pelo «ruído dispersivo da informação» no mundo digital e pela «mera acumulação de dados, que [...] acabam por saturar e confundir»⁴¹. So-ma-se a isso o contexto de desinformação e de *fake news*, particularmente em questões de ordem pública. No período da pandemia da Covid-19, a Organização Mundial da Saúde (OMS) caracterizou esse fenômeno como uma verdadeira «infodemia». Ou seja, um grande aumento no volume de informações associadas ao coronavírus, geralmente alimentadas por interesses político-econômicos e que podem se multiplicar e se alastrar exponencialmente em pouco tempo, como um vírus. Tais fenômenos explicitam cada vez mais que a mentira, a difamação, a injúria e a calúnia não reconhecem fronteiras entre o *online* e o *offline*. Aquilo que supostamente é mero «discurso» ou «narrativa» contra certas pessoas na Internet ou sobre um vírus como o da Covid-19 pode gerar consequências físicas, materiais e concretas irreversíveis sobre pessoas específicas ou sobre a sociedade como um todo.

Tais problemáticas também afetam os ambientes religiosos e eclesiais. No âmbito do catolicismo, o Papa Francisco já alertou que os cristãos podem fazer parte de «redes de violência verbal através da Internet e vários fóruns ou espaços de intercâmbio digital»⁴². Segundo ele, até mesmo «nas mídias católicas é possível ultrapassar os limites, tolerando-se a difamação e a calúnia e parecendo excluir qualquer ética e respeito pela fama alheia»⁴³. Desse modo, a pessoa que está do outro lado da tela não é mais um «irmão ou irmã na fé», mas apenas alguém sobre o qual se descarrega o próprio ódio pessoal, camuflando-o de defesa da tradição e da doutrina, mediante citações da Bíblia e do Catecismo⁴⁴.

⁴¹ LS 47.

⁴² Francisco, *Exortação apostólica Gaudete et exultate sobre a chamada à santidade no mundo atual* (= GE), n. 115, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20180319_gaudete-et-exultate.html.

⁴³ GE 115.

⁴⁴ Moisés Sbardelotto, «“Vejam como não se amam!”: intolerância intracatólica e antievangelização em rede», *Vida Pastoral*, ano 62, número 340 (julho-agosto de 2021): 24-31, <https://www.vidapastoral.com.br/edicao/vejam-como-nao-se-amam-intolerancia-intracatolica-e-antievangelizacao-em-rede/>.

É preciso reconhecer, portanto, que os dualismos «virtual x real» e «*offline* x *online*» não se sustentam mais em relação à experiência digital contemporânea, sob vários pontos de vista, alguns dos quais tentamos apontar aqui, principalmente em seus aspectos negativos e sombrios, mas sem ignorar, obviamente, os inúmeros outros aspectos positivos e luminosos da cultura digital, particularmente no âmbito pastoral – como veremos em seguida. A intenção é evidenciar que tais dicotomias somente impedem de perceber os diversos interstícios aí presentes, as complexas inter-relações entre os vários ambientes de vida que compõem a experiência contemporânea. O resultado disso é que «os conhecimentos fragmentários e isolados podem tornar-se uma forma de ignorância, quando resistem a integrar-se numa visão mais ampla da realidade»⁴⁵, trazendo graves consequências também e principalmente do ponto de vista pastoral.

Daí a importância de ir além das dicotomias e dos dualismos: essa é a perspectiva *onlife* sobre a experiência sociocultural atual.

3. *Onlife*: a dimensão existencial das sociedades contemporâneas

A cultura digital, hoje, é uma manifestação da interligação de elementos que podem até ser diferenciados e distinguidos, mas nunca separados e isolados. A sociedade não está apenas «em rede», mas todos «somos rede», dadas as nossas inter-relações de diversos níveis; todos *somos «a rede»*, também digital. A digitalização, portanto, não envolve exclusivamente ferramentas que usamos e depois deixamos de lado, mas faz emergir uma verdadeira *ambiência digital*, na qual, parafraseando os Atos dos Apóstolos (17,28), «vivemos, nos movemos e existimos». «Há na distinção entre físico e digital, quando muito, duas maneiras diferentes de *uma única “presença” humana*»⁴⁶.

Essa cultura amplamente digitalizada, por sua vez, «tem impactos muito profundos na noção de tempo e espaço, na percepção de si mesmo,

⁴⁵ LS 138.

⁴⁶ Antonio Spadaro, *Quando a fé se torna social: o cristianismo no tempo das novas mídias* (São Paulo: Paulus, 2016), 10, grifo nosso.

dos outros e do mundo, na maneira de comunicar, aprender, obter informações, entrar em relação com os outros»⁴⁷. Isso porque as tecnologias digitais podem afetar a nossa autoconcepção e identificação individual; as nossas relações interpessoais e laços mútuos; a nossa interação com a realidade e o processo de organização social. E tudo isso, segundo Floridi⁴⁸, desdobra grandes transformações, como o apagamento da distinção entre realidade e «virtualidade», que já comentamos antes; o esfacelamento das fronteiras entre os aspectos humanos, tecnológicos e naturais da vida contemporânea; e o deslocamento da primazia dos elementos independentes e das relações binárias (como a suposta oposição entre *online* e *offline*) para a primazia das interdependências, das interações, dos processos, das redes.

Hoje, portanto, vivemos uma experiência *onlife*, neologismo cunhado por Floridi⁴⁹ e que aponta para uma *vida em constante conexão*, na qual a conectividade digital emerge como uma verdadeira *dimensão existencial*. Com isso, a experiência do tempo se torna cada vez mais *sincrônica*, em uma experiência do espaço cada vez mais *deslocalizada*, possibilitando uma experiência de *co-inter-relação* cada vez mais intensa dos elementos que constituem a vida humana em suas várias dimensões (social, cultural, simbólica, tecnológica, etc.).

Floridi usa a metáfora dos manguezais para explicar a experiência *onlife*. Um manguezal é um ecossistema híbrido, na interface entre os ambientes terrestre e marinho, formado por água salobra, onde o rio e o mar se encontram. Esse ambiente, incompreensível quando observado a partir da perspectiva da água doce ou da água salgada, é a imagem da existência sociodigital contemporânea, que cruza, mistura e torna mais

⁴⁷ Francisco, *Exortação apostólica pós-sinodal Christus vivit aos jovens e a todo o povo de Deus* (= CV), n. 86, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.html.

⁴⁸ Luciano Floridi, «Introduction», in *The Onlife Manifesto: Being Human in a Hyperconnected Era*, ed. Luciano Floridi (Nova York: Springer One, 2015), 1-3.

⁴⁹ Cf. Floridi, *The Onlife Manifesto*; Luciano Floridi, «A Look into the Future Impact of ICT on Our Lives», *The Information Society*, n. 23, vol. 1 (fevereiro de 2007): 59-64, <https://doi.org/10.1080/01972240601059094>.

tênuas e ao mesmo tempo mais complexas as fronteiras entre o *online* e o *offline*, que não podem mais ser entendidos como experiências completamente opostas e separadas.

Humano e máquina, tecnológico e biológico, físico e digital, *online* e *offline*, hoje, só existem e se inter-relacionam em uma comunicação constante e complexa. Redes e ruas estão mais do que nunca conectadas e interligadas. O «véu» dessa separação se rasgou há um bom tempo. Como diziam as faixas e cartazes dos jovens que saíram às ruas de todo o Brasil nas Jornadas de Junho de 2013, «*somos a rede social*». Atualmente, é cada vez mais difícil – senão impossível – viver em sociedade desconectados das redes. Não é à toa que a ONU chegou a defender em 2011 o acesso à Internet como um direito humano do século XXI e afirmou que impossibilitar tal acesso ou desconectar a população é uma violação a esse direito⁵⁰.

Alguns dados nos ajudam a entender melhor o que o processo de conectivização e de experiência *onlife* significa na realidade mundial. Segundo o instituto de pesquisas DataReportal, havia 4,95 bilhões de usuários frequentes de Internet em janeiro de 2022, ou seja, 62,5% da população global têm acesso aos ambientes digitais. Mas chama ainda mais a atenção o tempo médio de uso diário de Internet por parte de tais usuários: 6h58min⁵¹.

Evidencia-se, assim, a realidade de uma vida híbrida do ponto de vista sociotécnico, trazida à tona pela cultura digital e que, portanto, precisa ser assumida pela Igreja em sua ação evangelizadora e em sua prática pastoral, para se evitar duplicidades e alienações.

Enquanto se pensar e se disser que é preciso sair das relações na rede para viver relações reais, se confirmará a esquizofrenia de uma geração que vive o ambiente digital como um «outro lugar»

⁵⁰ Cf. G1, acesso em 26 de setembro de 2022, <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2011/06/onu-afirma-que-acesso-internet-e-um-direito-humano.html>.

⁵¹ Cf. DataReportal, acesso em 26 de setembro de 2022, <https://datareportal.com/reports/digital-2022-global-overview-report>.

meramente lúdico, no qual se põe em jogo um segundo eu, uma identidade dupla que vive de banalidades efêmeras, *como em uma bolha desprovida de realismo físico, de contato real com o mundo e com os outros. Um ambiente definitivamente falso e desumano.*⁵²

Do ponto de vista católico, o magistério pontifício recente, em diversas de suas manifestações, se aproxima de tal reconhecimento. Bento XVI, por exemplo, afirmava: «O ambiente digital *não é um mundo paralelo ou puramente virtual, mas faz parte da realidade cotidiana*» e, por isso, «se a Boa Nova não for dada a conhecer também no ambiente digital, poderá ficar fora do alcance da experiência de muitos»⁵³. E Francisco, ao pedir uma «Igreja em saída», também esclarece que, entre as estradas pelas quais a Igreja deve sair, «estão também as digitais, congestionadas de humanidade»⁵⁴. Segundo ele, o ambiente digital não é apenas «uma rede de fios, mas de pessoas humanas».

O digital, em suma, é (muito) real. É uma *realidade humana, cultural e social*. É uma expressão (cada vez mais) *encarnada, concreta, física e material* de humanidade. Que, por sua vez, também possibilita novas formas de encontro e de relação, inclusive com o sagrado, como um verdadeiro *locus teológico*. E foi isso que a Igreja viveu ao longo dos tempos de isolamento e confinamento provocados pela pandemia da Covid-19. Em suas várias expressões, a comunidade eclesial se viu desafiada pelas restrições sanitárias a ser mais «ousada e criativa»⁵⁵ ao repensar o estilo e os métodos evangelizadores.

Diante desses diversos níveis de experiência *onlife*, vemos que a cultura digital, em sua complexidade, transforma a própria experiência

⁵² Spadaro, *Quando a fé se torna social*, 10, grifo nosso.

⁵³ Bento XVI, «Redes sociais: portais de verdade e de fé; novos espaços de evangelização. Mensagem para o 47.º Dia Mundial das Comunicações Sociais», <http://goo.gl/C3lCMV>.

⁵⁴ Francisco, «Comunicação ao serviço de uma autêntica cultura do encontro. Mensagem para o 48.º Dia Mundial das Comunicações Sociais», <http://goo.gl/8JbLFr>.

⁵⁵ Francisco, *Exortação apostólica Evangelii gaudium sobre o anúncio do evangelho no mundo atual* (= EG), n. 33, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html.

e vivência da fé. Isso diz respeito de modo particular a algumas noções-chave da experiência cristã, como as relações entre corpo/comunidade e entre presença/participação, sobre as quais refletiremos agora.

4. Corpo/comunidade, presença/participação: novos ambientes, novas experiências

A pandemia do coronavírus levou a Igreja a transformar suas práticas de diversos modos, encarnando-as no ambiente digital⁵⁶. À luz dos processos comunicacionais em jogo, é possível dizer que a experiência da pandemia agiu como catalisadora de práticas digitais; e, por sua vez, o digital atuou como catalisador de práticas religiosas inovadoras. Emergiu, assim, uma verdadeira práxis pastoral *onlife*. E isso de três formas principais: em um nível mais básico, mediante um processo de *transmissão*, isto é, de fazer o que sempre se fez no âmbito pastoral e litúrgico do modo como sempre se fez (entendendo-se o digital meramente como um *canal*). Vimos isso, por exemplo, na transmissão de missas no período de confinamento, em que se veiculava o rito pela Internet e pelas redes sociais digitais, fazendo-se muitas vezes exatamente aquilo que se costumava fazer no período pré-pandêmico, sem grandes modificações em termos de ambientes, gestos, linguagens, etc.

Outras práticas, por sua vez, apontavam para um processo um pouco mais complexo, de *tradução*. Nesses casos, buscava-se fazer o que sempre se fez, mas de modos inovadores (com isso, o digital passava a ser entendido como uma *linguagem* específica e diferenciada). Houve experiências de diversos momentos litúrgicos em que o rito não apenas era transmitido pela Internet, mas também se buscava se apropriar de algumas de suas potencialidades para promover práticas religiosas digitalmente inculturadas, como a participação das pessoas via comentários, o envio de pedidos de oração pelas redes sociais digitais, celebrações da Palavra via teleconferência, etc.

⁵⁶ Moisés Sbardelotto, «Práxis religiosa digital em tempos de pandemia: o caso católico», *Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura*, vol. 10, n. 1 (julho de 2021), https://is.gd/praxis_religiosa_pandemia.

Mas houve ainda práticas que revelavam um verdadeiro processo de *transformação*, isto é, em que certas lideranças eclesiais, agentes de pastoral ou comunidades inteiras fizeram coisas novas de modo inédito e *ad hoc* (assumindo o digital como um *ambiente* de relação e experiência). O exemplo mais relevante, nesse sentido, veio do próprio Papa Francisco, ao convocar um Momento Extraordinário de Oração em Tempo de Pandemia, no dia 27 de março de 2020. Quando havia convidado para esse momento de oração, alguns dias antes, o pontífice lembrou que, devido à pandemia, o rito seria celebrado em uma Praça de São Pedro totalmente vazia, algo inédito e surpreendente. E disse: «Convido todos a participarem espiritualmente através dos meios de comunicação.» Essa participação envolvia até a possibilidade de receber uma indulgência plenária junto com a bênção *Urbi et Orbi*. Ou seja, não era uma mera «assistência» dos gestos papais ou uma simples «audiência» de suas palavras, mas *algo mais profundamente ativo* por parte de quem acompanharia o rito pelas mídias. Portanto, embora as pessoas não pudessem estar «lá» fisicamente, poderiam estar presentes em oração e participar do rito a partir das mais variadas regiões do globo, vendo, ouvindo, sentindo, vivendo e sendo tocadas pelo Papa nessa experiência midiático-digital.

Especialmente durante o tempo de quarentena devido à Covid-19, pelo fato de a maioria dos contatos ocorrer à distância, afirmava-se que a relação interpessoal ficava limitada, porque ocorria na «ausência do outro», sem o «contato em carne e osso». Haveria apenas uma interação «virtual» e, portanto, supostamente inferior em uma escala de qualidade interacional.

Na verdade, porém, o corpo conectado não está desencarnado: o que as redes possibilitam é um *contato efetivamente entre corpos*, embora às vezes em lugares e tempos distintos. Não abandonamos nossos corpos quando estamos conectados. Pelo contrário, o corpo é ressignificado nas redes, torna-se *híbrido*, na interface entre o biológico, o tecnológico, o simbólico, o cultural, o social. Surgem daí novos modos de percepção, de cognição, de expressão, mas que sempre passam pelo corpo, como *mediação básica* de todo contato humano. Em rede, é o nosso corpo que

permite que nos presentifiquemos na relação com o outro, que coparticipemos de uma mesma experiência, embora à distância.

O fenômeno das *lives* durante a pandemia é um indício disso. Qual o seu diferencial? Justamente a experiência de uma *copresença e de uma coparticipação «aqui-agora»* (onde quer que seja esse «aqui», quando quer que seja esse «agora»). Nas interações em rede, as pessoas conectadas podem não estar presentes no mesmo ponto geográfico, mas estão presentes umas às outras *em relação* e podem participar de uma mesma experiência, que passa necessariamente por seus corpos (suas emoções, afetos, sentimentos, etc.).

Foi por isso que, durante o confinamento, também surgiram novas formações comunitárias em rede, mediante a constituição de verdadeiras «comunidades eclesiais digitais»⁵⁷. Estas atualizam, por outros meios e em outros ambientes, uma mesma busca de experiência religiosa, de vínculo interpessoal, de presença/participação eclesial. Trata-se, no fundo, de *outra forma de ser Igreja*, em meio às variações históricas das formas comunitárias, que nunca foram as mesmas nem iguais ao longo da história.

Nesse sentido, «as comunidades em redes digitais complementam e fortalecem as comunidades presenciais»⁵⁸. Mas isso «exige uma renovada capacidade de dialogar com as pessoas». Ou seja, conexão não é automaticamente relação. A comunidade é fruto da comunhão entre as pessoas, que, por sua vez, é fruto da «capacidade de dialogar», de um processo comunicacional. Em rede, é preciso não apenas reconhecer a presença do «outro», mas também envolvê-lo e deixar-se envolver por ele, para que seja possível uma coparticipação ativa na construção de uma comunidade, por meio da relação e do diálogo. Talvez, o desafio seja repensar o papel das mediações digitais, para que favoreçam essa relação com o «outro». É preciso escolher criteriosamente as plataformas, as linguagens, os

⁵⁷ Moisés Sbardelotto, *E o Verbo se fez rede: religiosidades em reconstrução no ambiente digital* (São Paulo: Paulinas, 2017).

⁵⁸ Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, *Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil. Documento n. 99* (Brasília: Edições CNBB, 2014), n. 183.

símbolos e tudo o que o digital oferece, possibilitando que se experiencie a comunhão com o «outro» nessas novas formas de «con-tato».

Paulo de Tarso foi alguém que entendeu isso muito bem, milênios atrás. As comunidades paulinas, geograficamente distantes, mantinham sua comunhão não apenas quando ele se encontrava em visita a elas, mas também por meio de suas cartas, que transformavam sua ausência em uma presença real. Ao escrever à comunidade de Corinto, «ausente de corpo», ele reconheceu que, por meio de sua carta, estava «presente de espírito, como se estivesse aí entre vocês» (1Coríntios 5,3).

Na segunda carta enviada aos coríntios, Paulo é ainda mais enfático: «Como dizem alguns, “as cartas são duras e fortes, mas a presença dele é fraca e sua palavra é desprezível”. Aquele que diz isso fique sabendo que, assim como somos pela linguagem e por carta quando estamos ausentes, tais seremos por nossos atos quando estivermos presentes» (2Coríntios 10,9-11). Para Paulo, portanto, não havia dicotomia entre uma presença supostamente «virtual» nos termos atuais (as cartas em sua ausência) e o «real» (sua presença «em carne e osso» nas comunidades). Sua presença era *material, concreta, física, real e encarnada* em ambas as modalidades de relação, assim como sua coerência de vida.

Milênios depois de Paulo, podemos dizer que o desafio pastoral em relação aos diversos contextos socioculturais e comunicacionais é o mesmo ontem e hoje: pensar e agir sem dicotomias, nem dualismos, nem esquizofrenia, nem alienação. No fundo, em tempos de cultura digital, trata-se de *reconhecer que há uma pessoa do outro lado da tela*, que está realmente presente e quer participar efetivamente da interação, uma pessoa à qual o cristão é chamado a sair ao encontro, a entrar em comunhão e a formar comunidade. Como disse Jesus, «onde dois ou mais estiverem reunidos em meu nome, Eu estou aí no meio deles» (Mateus 18,20). O importante não é o «onde» em sentido geográfico, mas, sim, reunir-se em nome de Jesus, que, assim, promete se fazer realmente presente no meio de seus discípulos – estejam eles à distância ou perto, em rede ou fora dela.

À guisa de conclusão: por uma pastoral *onlife*

Atualmente, fica cada vez mais claro que o digital não se opõe ao real nem é meramente «virtual», mas vivemos uma experiência *onlife* de nossos corpos e comunidades, da nossa presença e participação, razão pela qual os processos comunicacionais contemporâneos demandam um olhar cada vez mais ecológico. Do ponto de vista pastoral, portanto, o desafio é promover uma comunicação integral na vida da Igreja, na qual tudo esteja «intimamente relacionado»⁵⁹, para que «a pastoral ordinária em todas as suas instâncias seja mais comunicativa e aberta»⁶⁰.

A Igreja, particularmente em sua expressão católica, tem consciência de que as gerações contemporâneas «enfrenta[m] atualmente um novo desafio: *interagir com um mundo real e virtual* [...]. Os jovens de hoje são os primeiros a *fazer esta síntese* entre o pessoal, o específico de cada cultura e o global»⁶¹. Para lidar com essa realidade, é preciso pôr em prática uma verdadeira *inculturação digital*, que permita reconhecer as «formas e valores positivos»⁶² presentes na cultura digital e que podem enriquecer a evangelização, sendo introduzidos na cultura eclesial. Trata-se de assumir as categorias próprias da cultura digital para o anúncio do Evangelho, de aprender com ela e de permitir que, por sua vez, a força do Evangelho provoque uma *nova síntese* com essa cultura⁶³. É um *processo artesanal*, tentativo, experimental, que deve ser discernido e praticado a partir das especificidades de cada contexto e situação, de acordo com os tempos, os lugares e as pessoas, como diria Santo Inácio de Loyola. Até porque as expressões da digitalização são as mais diversas, gerando diferentes «culturas digitais», inclusive dentro de um mesmo país ou região.

A pastoral cristã, em suas múltiplas expressões, nesse sentido, é chamada a reconhecer que as relações sociais em redes digitais não envolvem apenas «números» ou meros «agregados de indivíduos»⁶⁴. Os ambientes

⁵⁹ LS 137.

⁶⁰ EG 27.

⁶¹ CV 90.

⁶² EG 116.

⁶³ Cf. EG 68.

⁶⁴ Francisco, «Somos membros uns dos outros».

digitais também podem possibilitar o encontro entre pessoas que têm histórias, alegrias, tristezas, sonhos, esperanças: em suma, um «rosto»⁶⁵. As redes digitais podem ser «um lugar rico de humanidade: não uma rede de fios, mas de pessoas humanas»⁶⁶. Tais redes podem ainda «reforçar os laços de unidade entre as pessoas e promover eficazmente a harmonia da família humana»⁶⁷.

De modo geral, as relações interpessoais nos ambientes digitais podem fortalecer as comunidades locais, e vice-versa. «O uso da *social web é complementar ao encontro em carne e osso*, vivido através do corpo, do coração, dos olhos, da contemplação, da respiração do outro [...] e permanece como um *recurso para a comunhão*.»⁶⁸ Em rede, o desafio pastoral é levar em conta não apenas as potencialidades oferecidas pelas tecnologias e plataformas digitais, mas também e sobretudo a singularidade de cada pessoa interconectada e a concretude de sua vida, para que seja possível construir relações humanas, humanizadas e humanizantes, apesar das distâncias e das diferenças, pondo em prática um verdadeiro humanismo digital integral⁶⁹.

Desse modo, hoje, em uma realidade cada vez mais *onlife*, a partir de uma perspectiva ecológica e integral da comunicação, é preciso superar a «lógica do *ou*» pela «lógica do *e*». A primeira pensa as experiências humanas e as práticas sociais a partir de uma perspectiva dualista-dicotômica («digital» *vs.* «real-físico-presencial») ou substitutiva («o risco é que o digital substitua o presencial, que o virtual substitua o real»), sem atentar para suas inter-relações. Já a segunda ajuda a pensar e a agir justamente a partir da perspectiva da *complexificação*, da *complementariedade*, da *interligação*, da *integralidade* da vida humana e social em suas diversas

⁶⁵ Francisco, «Somos membros uns dos outros».

⁶⁶ Francisco, «Comunicação ao serviço de uma autêntica cultura do encontro».

⁶⁷ Bento XVI, «Redes sociais».

⁶⁸ Francisco, «Somos membros uns dos outros», grifo nosso.

⁶⁹ Moisés Sbardelotto, «Por um humanismo digital integral», in *O novo humanismo: paradigmas civilizatórios para o século XXI a partir do Papa Francisco*, ed. Dom Joaquim Giovanni Mol Guimarães et al. (São Paulo: Paulus, 2022): 233-274.

expressões: «Tudo está estreitamente interligado no mundo»⁷⁰. Trata-se de viver – ecológica e integralmente – «três relações fundamentais intimamente ligadas: as relações com Deus, com o próximo e com a terra»⁷¹, reiterando que a própria cultura digital também é «terra», como vimos, em seus aspectos positivos e também negativos.

Como afirma o Papa Francisco,

neste tempo em que as redes e demais instrumentos da comunicação humana alcançaram progressos inauditos, sentimos o desafio de descobrir e transmitir a «*mística*» *de viver juntos, misturar-nos, encontrar-nos, dar o braço, apoiar-nos, participar nesta maré um pouco caótica que pode transformar-se numa verdadeira experiência de fraternidade, numa caravana solidária, numa peregrinação sagrada*. Assim, as maiores possibilidades de comunicação traduzir-se-ão em novas oportunidades de encontro e solidariedade entre todos.⁷²

Portanto, se a pastoral quiser ser verdadeiramente *cristã*, nos passos do Deus que se encarnou na história e na cultura humanas, interligando estreitamente o divino e o humano; e se quiser ser verdadeiramente *católica*, acolhendo a universalidade e a diversidade humanas, ela é chamada a abandonar a «lógica do *ou*» e a assumir a «lógica do *e*». Uma pastoral *onlife* não dicotomiza nem reduz a experiência humana a apenas um de seus ambientes de vida, pensando que uma vida de fé «de verdade» só seria possível no «mundo real», e não no «virtual». Pelo contrário, uma pastoral *onlife* sai ao encontro das pessoas nos diversos ambientes sociais – e também, portanto, nos ambientes digitais – onde elas se encontram, interligando ruas e redes. Uma pastoral *onlife* percebe a *não equivalência* entre os diversos ambientes da vida humana, mas também reconhece a *não exclusividade* de qualquer um deles para a ação evangelizadora: um discípulo-missionário é chamado a testemunhar e anunciar o Evangelho

⁷⁰ LS 16.

⁷¹ LS 66.

⁷² EG 87, grifo nosso.

«por todo o mundo»⁷³, pelas «encruzilhadas dos caminhos»⁷⁴, pelas «praças e ruas da cidade»⁷⁵. Uma pastoral *onlife* associa, une, interliga conceitos, práticas e ambientes que uma práxis pastoral dicotômica, redutora e simplificadora dissocia e opõe⁷⁶. Uma pastoral *onlife*, em suma, leva a «investir nas relações, a afirmar – também na rede e através da rede – o caráter interpessoal da nossa humanidade»⁷⁷.

No século IV, Santo Ambrósio, arcebispo da então Mediolano (atual Milão, Itália), já dizia: «*Nova semper quaerere, parta custodire*», ou seja, é preciso buscar sempre o novo (experiências pastorais *online*) e ao mesmo tempo conservar as coisas do passado (experiências pastorais *offline*), de forma ecológica, integral, *onlife*. Relida hoje, em plena era digital, essa afirmação aponta para o constante desafio pastoral de guardar e aprofundar as «raízes» da verdadeira Tradição cristã e, ao mesmo tempo, de alçar voo nas asas da revolução digital, reconectando fé e cultura, no caminho de uma conversão pastoral e missionária⁷⁸.

Bibliografia

- Bento XVI. «Redes sociais: portais de verdade e de fé; novos espaços de evangelização. Mensagem para o 47º Dia Mundial das Comunicações Sociais». 12 de maio de 2013, <http://goo.gl/C3lCMV>
- Capra, Fritjof. *A teia da vida: uma nova compreensão dos sistemas vivos*. São Paulo: Cultrix, 2006.
- Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. *Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil. Documento n. 99*. Brasília: Edições CNBB, 2014.
- Floridi, Luciano. «Introduction». In *The Onlife Manifesto: Being Human in a Hyperconnected Era*, organizado por Luciano Floridi, 1-3. Nova York: Springer One, 2015.
- Floridi, Luciano. «A Look into the Future Impact of ICT on Our Lives». *The Information Society*, n. 23, vol. 1 (fev. 2007): 59-64. <https://doi.org/10.1080/01972240601059094>

⁷³ Marcos 16,15.

⁷⁴ Mateus 22,9.

⁷⁵ Lucas 14,21.

⁷⁶ Cf. Morin, *O método 2*.

⁷⁷ Francisco, «Somos membros uns dos outros».

⁷⁸ EG 25-33.

- Francisco, Papa. *Exortação apostólica Evangelii gaudium sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. 24 de novembro de 2013, <http://goo.gl/FCZf87>
- Francisco, Papa. *Comunicação ao serviço de uma autêntica cultura do encontro. Mensagem para o 48.º Dia Mundial das Comunicações Sociais*. Vatican.va, 1.º de junho de 2014, <http://goo.gl/8JbLFr>
- Francisco, Papa. *Carta encíclica Laudato si' sobre o cuidado da casa comum*. 24 de maio de 2015, <http://goo.gl/uZkzBG>
- Francisco, Papa. *Exortação apostólica Gaudete et exultate sobre o chamado à santidade no mundo atual*. 19 de março de 2018, <https://is.gd/J7x670>
- Francisco, Papa. *Exortação apostólica pós-sinodal Christus vivit aos jovens e a todo o povo de Deus*. 25 de março de 2019, <https://is.gd/UO4Dzy>
- Francisco, Papa. *Somos membros uns dos outros (Ef 4, 25): das comunidades de redes sociais à comunidade humana. Mensagem para o 53.º Dia Mundial das Comunicações Sociais*. 2 de junho de 2019, <https://is.gd/zoNdvb>
- Lemos, André. *A tecnologia é um vírus: pandemia e cultura digital*. Porto Alegre: Sulina, 2021. Edição Kindle.
- Levy, Pierre. *O que é o virtual*. 2.ª ed. São Paulo: Edições 34, 2011.
- Logan, Robert K. «La base biológica de la ecología de los médios». In *Ecología de los médios: entornos, evoluciones e interpretaciones*, organizado por Carlos Scolari, 197-217. Barcelona: Gedisa, 2015.
- Morin, Edgar. *O método 2: a vida da vida*. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização. *Diretório para a Catequese*. São Paulo: Paulinas, 2020.
- Postman, Neil. «The Humanism of Media Ecology», *Proceedings of the Media Ecology Association*, v. 1 (2000). <https://bit.ly/2MDFivK>
- Santaella, Lucia. *A ecologia pluralista da comunicação: conectividade, mobilidade, ubiquidade*. São Paulo: Paulus, 2010.
- Scolari, Carlos. «Ecología de los médios: de la metáfora a la teoría (y más allá)». In *Ecología de los médios: entornos, evoluciones e interpretaciones*, organizado por Carlos Scolari, 15-44. Barcelona: Gedisa, 2015.
- Sbardelotto, Moisés. *E o Verbo se fez rede: religiosidades em reconstrução no ambiente digital*. São Paulo: Paulinas, 2017.

- Sbardelotto, Moisés. «Práxis religiosa digital em tempos de pandemia: o caso católico». *Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura*, vol. 10, n. 1 (julho de 2021). https://is.gd/praxis_religiosa_pandemia
- Sbardelotto, Moisés. «“Vejam como não se amam!”: intolerância intracatólica e anti-evangelização em rede». *Vida Pastoral*, ano 62, número 340 (julho-agosto de 2021). <https://www.vidapastoral.com.br/edicao/vejam-como-nao-se-amam-intolerancia-intracatolica-e-antievangelizacao-em-rede/>
- Sbardelotto, Moisés. «Por um humanismo digital integral». In *O novo humanismo: paradigmas civilizatórios para o século XXI a partir do Papa Francisco*, organizado por Dom Joaquim Giovanni Mol Guimarães, Robson Sávio Reis Souza, Claudemir Francisco Alves e Adriana Maria Brandão Penzim, 233-274. São Paulo: Paulus, 2022.
- Spadaro, Antonio. *Quando a fé se torna social: o cristianismo no tempo das novas mídias*. São Paulo: Paulus, 2016.
- Strate, Lance; Braga, Adriana; e Levinson, Paul. *Introdução à ecologia das mídias*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Edições Loyola, 2019.

Artigo submetido a 30.09.2022 e aprovado a 14.11.2022.



